

Disciplina: Aporias entre Ética e Política: Lacan e a tragédia de Antígona
Professor: Raul Albino Pacheco Filho
Nível: Mestrado/Doutorado
Créditos: 03
Tipo: Seminário Avançado – Tipo II
Semestre: 2º de 2011
Horário: 6ª feiras – 09:30/12:30

EMENTA

Como nos lembra Abbagnano (1971/2007, p. 904), *"um dos problemas mais debatidos em política desde Aristóteles até nossos dias é a relação entre ética e política, problema que se apresenta necessariamente porquanto as duas entidades referem-se à vida prática do homem."* Aliás, Aristóteles deixa clara sua opinião de que ambas compartilham o mesmo âmbito, na medida em que define a sua *"Ética a Nicômaco"* como um *"tratado de política"*. E isso só é possível por ele fazer equivaler o *bem do homem* e o *bem da cidade*, ainda que considerando o segundo maior e mais completo que o primeiro:

"Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para as cidades-Estado" (Aristóteles, s.d./1984, p.49-50)

Mas sabemos que essa harmonia entre ética e política foi destruída na Modernidade, como nos lembra Lacan no *"Seminário 7: A Ética da Psicanálise"*:

"(...) como o diz Saint-Just, a felicidade tornou-se um fator de política. É pelo fato da entrada da felicidade na política que a questão da felicidade não apresenta, para nós, como possível a solução aristotélica (...) A dialética do mestre e senhor é, para nós, desvalorizada, insisto, por razões históricas, que provêm do momento histórico que vivemos, e que se expressa na política pela fórmula seguinte – *Não poderia haver satisfação de ninguém sem a satisfação de todos.*" (Lacan, 1959-1960/1988, p.342-343)

Ética e política se tornaram tão distintas e desarmônicas a partir da Modernidade, que podemos encontrar quem afirme ser, a primeira, aquilo que *"designa antes de tudo a incapacidade, característica do mundo contemporâneo, de nomear e querer um Bem. (...) uma singular combinação de resignação diante do necessário e vontade puramente negativa, e mesmo destrutiva. Essa combinação, é preciso designá-la como nihilismo."* (Badiou, 1993/1995, p.43) Daí a conclusão sombria de que, desde o primeiro momento

de constituição da subjetividade contemporânea, a ética "*ratifica a ausência de qualquer projeto, de qualquer política de emancipação, de qualquer causa coletiva verdadeira.*" (p. 44)

Não é tão surpreendente, portanto, que o título da aula XXIV do *Seminário 7* seja "*Os paradoxos da Ética – ou Agiste em conformidade com teu desejo?*" (p. 364). E também não surpreende que Lacan, no desenvolvimento do tema, tome como suporte a referência à tragédia de Antígona para propor:

"A ética da análise não é uma especulação que incide sobre a ordenação, a arrumação, do que chamo de serviço dos bens. Ela implica, propriamente falando, a dimensão que se expressa no que se chama de experiência trágica da vida." (*Ibid.*, p. 366).

Ao pólo do desejo opõe-se a ética tradicional, ainda que, é claro, não em sua totalidade.

Qual a contribuição efetiva que a Psicanálise pode trazer para pensar essa relação desarmônica entre ética e política, na contemporaneidade: esse período histórico em que "*o desejo do homem, longamente apalpado, anestesiado, adormecido pelos moralistas, domesticado por educadores, traído pelas academias, muito simplesmente refugiou-se, recalçou-se na paixão mais sutil, e também a mais cega, como nos mostra a história de Édipo, a paixão do saber*" (*Ibid.*, p. 379) É possível, apesar de tudo, como quer Badiou, (*op. cit.*, p. 98 e p.57) esboçar a reconstrução de um conceito admissível de ética, que "*subordine sua máxima ao devir das verdades*": o princípio de continuação de um processo "*que dá consistência à presença de alguém na composição do sujeito que induz o processo dessa verdade*"?

Aprofundar estas questões e os desenvolvimentos a que elas conduzem é o objetivo desta disciplina

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABBAGNANO, NICOLA (1971/2007) Política. In: *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 2007 (5ª ed.), p. 900 - 905.

ARISTÓTELES (s.d./1984) Ética a Nicômaco. In: *Aristóteles*. São Paulo, Abril Cultural, 1984.

BADIOU, ALAIN (1993/1995) *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

LACAN, JACQUES (1959-1960/1988) *A ética da Psicanálise. O seminário: livro 7*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

LACAN, JACQUES (1963/1988) Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, JACQUES (1966/1988) *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

PACHECO FILHO, RAUL ALBINO (2010) Kant, Sade e o direito ilimitado ao gozo do corpo do outro: o limite escamoteado da razão iluminista. *Livro Zero: Revista de Psicanálise*, São Paulo, v.1, n.1, p., jul.-dez. 2010, p.141-147.